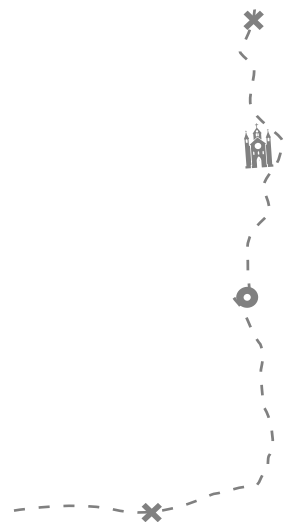




# SERGIPE

HISTÓRIA, CULTURA  
E TURISMO



© Copyright 2023 by Amâncio Cardoso

Todos os direitos desta edição reservados ao autor. Proibida a reprodução total ou parcial, por qualquer meio ou processo, com finalidade de comercialização ou aproveitamento de lucro ou vantagens, com observância da Lei de regência. Poderá ser reproduzido texto, entre aspas, desde que haja clara menção do nome dos autores, título da obra, edição e paginação. A violação dos direitos do autor (Lei nº 9.610/98) é crime estabelecido pelo artigo 184 do Código Penal.

**Diagramação**

Joselito Miranda

**Fotos da capa**

Anderson Schneider, André Koehne e Joselito Miranda

**Capa**

Roseilde Reis

**Impressão**

Graf Marques

**Revisão de texto**

Mirela Araújo

Printed in Brazil / Impresso no Brasil

---

Cardoso, Amâncio.

C268s

Sergipe – História, Cultura e Turismo. /Amâncio Cardoso.

-Aracaju: ArtNer, 2023.

158p. :il.

ISBN: 978-85-69567-98-1

1. Sergipe - História

2. Cultura – Sergipe

3. Turismo-Sergipe

I - Título

CDU: 94: 379 (813.7)

---

Ficha catalográfica elaborada pela Bibliotecária: Jane Guimarães Vasconcelos Santos CRB- 5/975

**EDITORA ARTNER**

Tel.: (79) 99131-7653 • editoraartner@gmail.com • artner.com.br

AMÂNCIO CARDOSO

# SERGIPE

HISTÓRIA, CULTURA  
E TURISMO

Aracaju-SE



2023



col. Allen Morrison



*Av. Rio Branco — Aracaju*



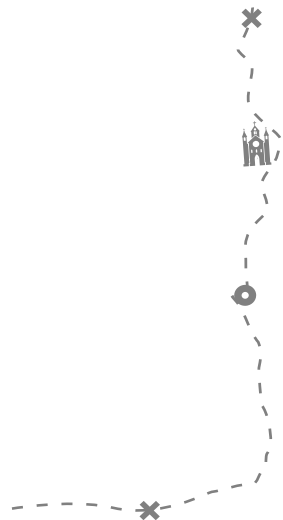
## Sou grato

**A** Maria do Carmo Cardoso, minha mãe, que me estimulou no caminho da escola; trilha esta que a vida não lhe oportunizou.

À prof<sup>a</sup> Mirela Araújo, minha esposa, pelas pertinentes revisões textuais e pela boa companhia nos caminhos da vida.

Ao prof<sup>o</sup> Francisco José Alves (DHI/UFS) pelo constante incentivo profissional e por partilhar, com generosidade, seus saberes.

Aos Leitores de “Sergipe: um roteiro turístico, histórico e cultural”, que me incentivaram a produzir este segundo livro.







## Apresentação

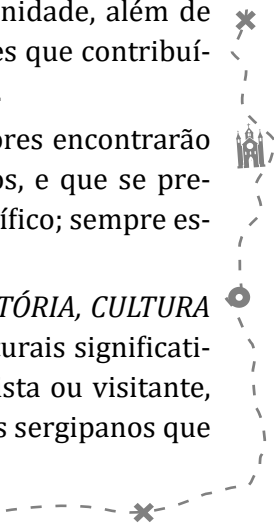
**E**m outubro de 2021, veio a lume a primeira coletânea de textos de minha autoria, e alguns em parceria, *SERGIPE: UM ROTEIRO TURÍSTICO HISTÓRICO E CULTURAL*. Esse primeiro livro foi bem aceito por um público diversificado.

Agora, apresento mais uma nova série de textos reunidos. Eles foram publicados ao longo de anos pelas mídias impressas e digitais (jornal, revista, blog e site). *SERGIPE: HISTÓRIA, CULTURA E TURISMO* reúne dezenove pequenos artigos, divididos em duas partes. Os textos são interdependentes e possuem unidade lógica, conforme as áreas temáticas propostas (História, Cultura e Turismo).

Quanto aos assuntos aqui expostos, eles vão desde a evolução histórica de cidades e lugares, passando por fatos e patrimônios culturais que fundamentam nossa Sergipanidade, além de apresentar trajetórias de personagens singulares que contribuíram para a formação histórico-social de Sergipe.

No tocante ao estilo e à linguagem, os leitores encontrarão textos curtos, informativos, dinâmicos, didáticos, e que se pretendem palatáveis, mas sem perder o rigor científico; sempre escorados nas fontes compulsadas.

Dessa maneira, o objetivo de *SERGIPE: HISTÓRIA, CULTURA E TURISMO* é analisar aspectos históricos e culturais significativos. Com isso, este livro serve tanto para o turista ou visitante, quanto para profissionais, estudantes e cidadãos sergipanos que



desejem conhecer temas sobre nosso Estado a partir de uma perspectiva diferenciada.

Por fim, os leitores terão contato nesta coletânea com vários objetos, temáticas e abordagens nas áreas de ciências sociais e humanas, vinculadas a aspectos do turismo histórico e cultural.

Boa leitura!

Amâncio Cardoso

Aracaju, verão de 2023.

**Contato do autor**

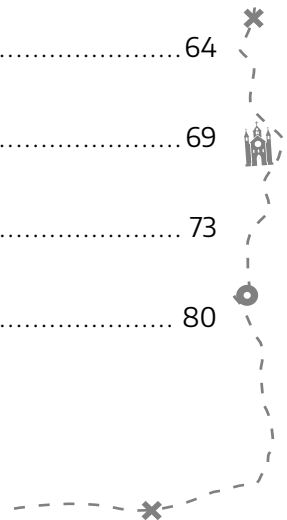
**(79) 9 8819-3518**



# Sumário

## PARTE 1 HISTÓRIA E TURISMO

Povoado Santo Antônio do Aracaju: notas para sua História.....	13
Aracaju Nascente: origens da urbanização da capital numa planta de 1868. ....	23
São Cristóvão-SE: de cidade mãe a patrimônio da humanidade. ....	37
Laranjeiras: da Povoação do Cotinguiba à Cidade Universitária.....	44
Rio São Francisco em Sergipe: patrimônio de notável valor paisagístico, histórico e turístico. ....	52
Serra de Itabaiana: de patrimônio natural a atrativo turístico de Sergipe.....	60
Serra da Miaba: um patrimônio natural no agreste sergipano.....	64
Igreja de São Salvador: primeiro templo católico de Aracaju.....	69
Palácio Olímpio Campos: nota histórica sobre um monumento.....	73
‘Acorda, São João!’: festejos Juninos em Sergipe no Século XIX. ....	80



## **PARTE 2**

### **HISTÓRIA E CULTURA**

O Carro de Boi na Cultura Sergipana .....	91
Mundé da Onça: um topônimo esquecido em Sergipe.....	99
Inácio Barbosa: roteiro póstumo do fundador da capital. ....	106
Viagem de D. Pedro II ao São Francisco Sergipano, 1859 .....	111
Basílio Pirro: um engenheiro a serviço da Província, 1848-1860. ....	117
José Narbone: um judeu argelino em Sergipe, século XIX. ....	124
José Gonçalves Barroso: multifaces de um sacerdote - Sergipe, séc. XIX. ....	133
Visão dos Trópicos: Maruim nas cartas de Adolphine, 1858-1863. ....	140
João Bloem: um engenheiro prussiano em Sergipe do século XIX.....	146
Créditos das imagens.....	153



## PARTE

# 1

## HISTÓRIA E TURISMO

publicacao.saocristovao.se.gov.br





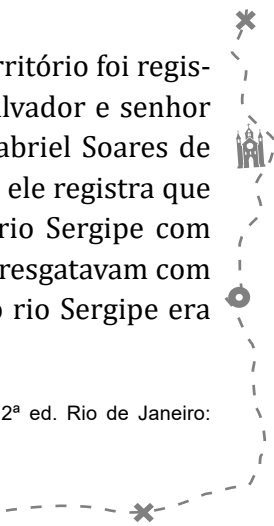


## Povoado Santo Antônio do Aracaju: notas para sua História.<sup>1</sup>

*“O próprio arraial de Santo Antônio do Aracaju,  
de remota fundação, (...),  
levava uma vida obscura, muito pouco  
citado nas crônicas da época”.*  
**(Enciclopédia dos Municípios Brasileiros,**  
*RJ: IBGE, 1959, p. 218).*

**A**racaju, capital de Sergipe, tem um evolver histórico relativamente recente; desde março de 1855. Mas o território foi povoado há séculos. Primeiro pelos Tupinambás e depois pelos colonizadores, a partir do século XVI. No entanto, pouco se sabe sobre essa extensa fase, do século XVI ao XIX, quando no território dos povos originários se formou uma povoação. Vejamos, então, algumas notícias sobre a ocupação da área anterior à transferência da capital.

Uma das primeiras informações sobre o território foi registrada em 1587 pelo vereador da Câmara de Salvador e senhor de engenho de açúcar no recôncavo baiano, Gabriel Soares de Souza (1540-1591). Em seu Tratado Descritivo, ele registra que os franceses costumavam entrar na barra do rio Sergipe com suas naus para “acarretar o pau [brasil] que ali resgatavam com os Tupinambás”.<sup>2</sup> Vê-se que a área da barra do rio Sergipe era



1 Publicado no site f5news.com.br, no dia 12 de agosto de 2023.

2 SOUZA, Gabriel Soares. **Tratado descritivo do Brasil, 1587.** 2ª ed. Rio de Janeiro: Typographia de João Ignacio da Silva, 1879. p. 32.

local de escambo da preciosa madeira entre o povo ancestral do Aracaju e os gauleses.

No século XVII, o topônimo ‘Aracaju’ apareceu nas cartas de sesmarias. Foi nos primeiros anos de colonização do território pelos luso-baianos, que vieram logo após a Guerra de Conquista em 1590, sob o comando de Cristóvão de Barros. Na carta de Pero Gonçalves, de 07 de agosto de 1602, ele pede, e foi atendido, uma ponta de terra no “cabo do rio Aracaju”, que se mete entre “dois apicuns”, para criar gado e viver com sua mulher.<sup>3</sup> O rio Aracaju deu nome à região onde, em 1855, fora assentada a capital. Este ribeiro, em fins do século XIX, “desembocava no rio Sergipe ao lado da fábrica Sergipe Industrial”.<sup>4</sup>

Outra carta de sesmaria, de 03 de setembro de 1603, apresentada por Afonso Pereira, procurador do Conselho da Capitania de Sergipe, afirma que “no Aracaju” havia “igreja e forte”, os quais foram trasladados para um outeiro “sete ou oito anos” antes do ano da petição.<sup>5</sup> Estes equipamentos compunham a primitiva povoação no Aracaju, fundada por Cristóvão de Barros entre 1590 e 1596, denominada São Cristóvão de Sergipe del Rey.


Quase uma década depois, em 1612, outro testemunho também registrou o “forte velho” do conquistador militar de Sergipe no sítio do Aracaju, localizando “as ruínas de um forte que fez Cristóvão de Barros para guarda da barra”. Talvez pela umidade do terreno cercado de apicuns, as madeiras da fortaleza já estivessem em “ruínas” naquele ano.<sup>6</sup>

3 FREIRE, Felisbello. **História de Sergipe**. Rio de Janeiro: Typographia Perseverança, 1891. p. 384.

4 PORTO, Fernando de Figueiredo. **Alguns nomes antigos do Aracaju**. Aracaju: J. Andrade, 2003. p. 61.

5 FREIRE. Op. cit. p. 408.

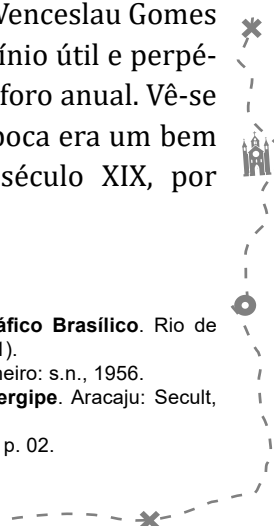
6 MORENO, Diogo de Campos. **Livro que dá razão do Estado do Brasil-1612**. Recife: Arquivo Público Estadual, 1955. p. 162.



No século XVIII, em 1761, Frei Jaboatão descreveu a área em que se assentava a povoação do Aracaju. Ouçamo-lo: “Aracaju é uma porção de terra de légua e meia em diâmetro entre o rio Poxim Grande, no Sul, e o Sergipe ao Norte, (...) formando uns Apicuns muito esparcelados, deixa algum terreno livre para as margens do Sergipe, abundantes de Salinas, das quais se provê toda a Capitania, e algumas vizinhas em necessidade”.<sup>7</sup> O sal foi um mineral importante para a povoação do Aracaju, mesmo depois da implantação da capital na área, subsistindo tais salinas até meados do século XX. Prova disso é que até hoje temos o rio do Sal ao norte da capital.<sup>8</sup>

Importante testemunho sobre a presença de salinas no Aracaju antigo é o pároco Marcos Antonio de Souza (1771-1842). Ele escreveu em suas Memórias de 1808 que os moradores “se empregavam em extrair sal marinho, escavando nas praias do Aracaju grandes fossos”. Segundo ele, as salinas do Aracaju abasteciam tanto o mercado de Sergipe quanto o da Bahia.<sup>9</sup>

Na metade do século XIX, em 1851, o proprietário de salinas, Manoel de Deus da Silva, solicitou à Câmara Municipal da vila do Socorro “aforamento do terreno, na barra do Aracaju, em que tem oito salinas”, por compra que fizera a Wenceslau Gomes Lobato.<sup>10</sup> Aforamento é a transferência do domínio útil e perpétuo de um imóvel, mediante pagamento de um foro anual. Vê-se que o investimento em salinas em Aracaju à época era um bem valoroso na economia familiar. No fim do século XIX, por



7 JABOATÃO, Frei Antônio de Santa Maria de. **Novo Orbe Seráfico Brasília**. Rio de Janeiro: Typ. Brasiliense, 1858. p. 129-133. (1ª edição, Lisboa, 1761).

8 BASTOS COELHO, J. R. **Coisas e vultos de Aracaju**. Rio de Janeiro: s.n., 1956.

9 SOUZA, Marcos Antônio de. **Memória sobre a capitania de Sergipe**. Aracaju: Secult, 2005. p. 33.

10 **Correio Sergipense**. São Cristóvão, 10 de maio de 1851, nº 32, p. 02.

exemplo, um testemunho registrou que às margens do rio do sal “estão estabelecidas as melhores salinas do Estado”.<sup>11</sup>

Outra atividade econômica existente no povoado do Aracaju no início do século XIX é a olaria (pequena fábrica de tijolos e telhas de barro). Em 1806, vivia na povoação o ancião Cristóvão de Mendonça exercendo “o ofício de oleiro na Aldeia do Aracaju junto à foz do Rio Cotinguiba”.<sup>12</sup>

O número de moradores da povoação do Aracaju havia crescido no início do século XIX. Um indício dessa afirmativa é que foram abertos editais de concurso, em 1835 e 1849, para prover a povoação, então distrito da vila de N. Sra. do Socorro, com professores de “primeiras letras”.<sup>13</sup>

André José Cândido da Rocha foi um dos primeiros professores da cadeira de ensino primário do Povoado do Aracaju. Cândido da Rocha aparece numa lista de professores que regem aulas públicas de primeiras letras em Aracaju, com “29 alunos, entre 06 a 14 anos”.<sup>14</sup> Professor Cândido foi substituído por João Ribeiro da Cunha em 1853.<sup>15</sup> No ano seguinte, Ribeiro da Cunha pediu ao governo “aumento de ordenado”.<sup>16</sup> Em regra, os professores de povoados recebiam menos que os de vilas e cidades, daí certamente a insatisfação do docente.

Além de território de reivindicação do magistério, Aracaju também foi palco de revoltas. Entre novembro e dezembro de

11 SILVA LISBOA, Luís Carlos da. **Chorographia do Estado de Sergipe**. Aracaju: Imprensa Oficial, 1897. p. 21.

12 CASAL, Manuel Aires de. **Corografia Brasileira**. Rio de Janeiro: Imprensa Régia, 1817. p. 252.


13 SILVA LISBOA, Manoel Ribeiro da. **Relatório de todos os atos do governo da província de Sergipe**. Bahia: Typographia do Correio Mercantil, 1835. p. 04; **Correio Sergipense**. São Cristóvão, 11 de abril de 1849, nº 24, p. 04.

14 SILVA, José Antônio de Oliveira. **Relatório apresentado à Assembleia Legislativa de Sergipe**. S. Cristóvão, 08 de março de 1852, mapa 08.

15 **Correio Sergipense**. São Cristóvão, 26 de janeiro de 1853, nº 07, p. 02.

16 **Correio Sergipense**. São Cristóvão, 22 de abril de 1854, nº 29, p. 04.





1836 ocorreu em Sergipe a Revolta de Santo Amaro, havendo confrontos armados em vários rincões da província, devido a fraudes eleitorais entre o partido do governo e a oposição liberal. Num dos embates, o presidente da província denunciou o ataque ocorrido no povoado do Aracaju, em que um grupo de revoltosos assaltara o destacamento das tropas da legalidade e roubara as “armas das praças [soldados] que ali se achavam”.<sup>17</sup> Durante a Revolta de Santo Amaro, o destacamento do “porto de Aracaju” era composto por “60 praças”.<sup>18</sup>

Já em 1845, o povoado do Aracaju mereceu um verbete num importante dicionário geográfico e histórico. A obra foi uma das primeiras a realizar uma descrição geral e circunstanciada do Império. Nela, entre outras coisas, o autor lembra que em 1840 o presidente da província requereu o estabelecimento da alfândega no porto do Aracaju.<sup>19</sup>

Houve na verdade uma discussão política, a partir de 1840, para se decidir se a alfândega de Sergipe seria instalada em Laranjeiras, como queria o líder político, então deputado geral e depois presidente da província Sebastião Gaspar de Almeida Boto (1802-1884), representando os comerciantes daquela cidade; ou se seria estabelecida no porto do povoado do Aracaju, como defendeu o então presidente Wenceslau de Oliveira Bello (1787-1852), pelo fato de a barra do Cotinguiba (atual Sergipe) ser “a mais importante e a de maior comércio”.

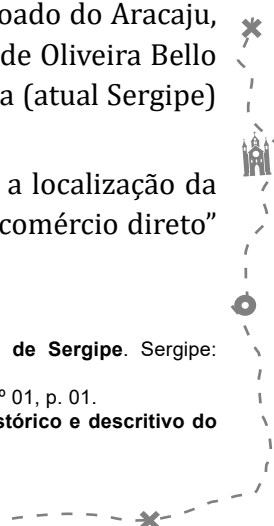
O objetivo de Wenceslau Bello, ao sugerir a localização da alfândega no povoado do Aracaju, era fazer o “comércio direto”

---

17 PEREIRA, Bento de Mello. **Fala à Assembleia Legislativa de Sergipe**. Sergipe: Typographia de Silveira, 1837. p. 05.

18 **Jornal do Commercio**. Rio de Janeiro, 02 de janeiro de 1837, nº 01, p. 01.

19 SAINT-ADOLPHE, J.C.R. Milliet de. **Dicionário geográfico, histórico e descritivo do Brasil**. Paris: J. P. Aillaud, 1845. Tomo I, p. 66.



entre Sergipe e outras nações, sem depender do porto da Bahia, e melhorar a fiscalização das “rendas da província”, evitando fraudes e contrabando “em grave prejuízo da Fazenda Pública”.<sup>20</sup> Após “ferrenhas lutas partidárias”, a alfândega saiu do Porto das Redes (próximo à vila de Santo Amaro), em 1843, para a Barra dos Coqueiros, na margem esquerda do Sergipe. Mas em 1846, a alfândega retornou para o Porto das Redes, área de atuação de Sebastião Boto. No entanto, em 1852, o serviço alfandegário voltou para a Barra dos Coqueiros, e daí passou por fim, em “janeiro de 1855, para as praias de Aracaju”.<sup>21</sup>


Em dezembro de 1854, pouco antes da Resolução de transferência da capital em março de 1855, o presidente Inácio Joaquim Barbosa (1821-1855) ordenou, “sem perda de tempo”, a mudança da Mesa de Rendas (repartição de arrecadação de receitas) da Barra dos Coqueiros “para a margem oposta do Aracaju, no lugar Olaria”. Esta mudança fazia parte dos planos do presidente Barbosa com vistas à concretização do projeto de mudança da capital da província, dali a poucos meses. Perceba-se que o local escolhido para o funcionamento da Mesa de Rendas foi a praia da “Olaria”, topônimo que evidencia uma das atividades econômicas dos antigos moradores do povoado.<sup>22</sup>

Além da instalação imediata da Mesa de Rendas, Inácio Barbosa também ordenou, em janeiro de 1855, a mudança da Alfândega, a criação de uma subdelegacia de polícia e de uma agência dos Correios na “Barra do Aracaju”, para atender ao “crescido número de habitantes da povoação”, como também aos

20 BELLO, Wenceslau de Oliveira. **Fala do presidente à Assembleia Provincial**. São Cristóvão, Typ. Provincial de Sergipe, 11 de janeiro de 1840. p. 17-19.

21 ALMEIDA, Maria da Glória Santana de. **Sergipe: fundamentos de uma economia dependente**. Petrópolis-RJ: Vozes, 1984. p. 39.

22 **Correio Sergipense**. São Cristóvão, 13 de janeiro de 1855, nº 03, p. 02.



comerciantes e navegadores que “demandam aquele porto”.<sup>23</sup> Essas medidas foram o embrião da infraestrutura para transformar o povoado em capital da província.

Os limites de ação da nova subdelegacia do então povoado do Aracaju foram os seguintes: “a margem do rio do Sal, do lado sul, com todas as suas voltas, a principiari da boca do mesmo [rio] e do Porto da Olaria, denominado Olaria das Almas, rumo direito a meter no rio Poxim, no lugar denominado Mundé da Onça, e deste rio descera até a sua foz, no lugar onde se denomina Saco do Rio Poxim”.<sup>24</sup>

Dessa forma, os limites do distrito do antigo Aracaju tinham como balizas os rios que banham seu território: ao norte, rio do Sal; e ao sul, o Poxim. Atualmente, nas proximidades da “foz do Poxim” existe uma área, entre os bairros Atalaia e Farolândia, cujos moradores ainda a denominam de “Saquinho”, fazendo alusão à antiga região “Saco do Rio Poxim” registrada no documento de 1855.

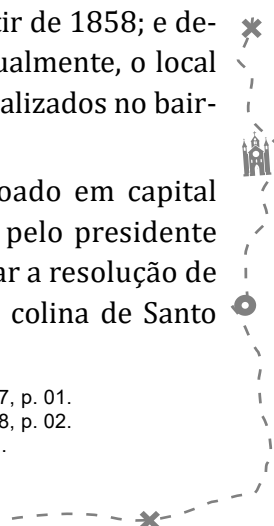
Quanto ao topônimo “Mundé da Onça”, sendo Mundé ou Mondé significando armadilha de caça, era uma passagem no rio Poxim no trecho da estrada entre São Cristóvão e Aracaju. Nesse lugar, atravessava-se primeiro por barca, a partir de 1858; e depois por uma ponte, construída em 1863.<sup>25</sup> Atualmente, o local corresponde à ponte e estrada da Jabutiana, localizados no bairro do mesmo nome, na zona Oeste de Aracaju.

O grande passo para transformar o povoado em capital provincial foi dado em 1º de março de 1855 pelo presidente Inácio Barbosa, dezesseis dias antes de publicar a resolução de mudança. Ele reuniu os deputados no alto da colina de Santo

23 **Correio Sergipense**. São Cristóvão, 27 de janeiro de 1855, nº 07, p. 01.

24 **Correio Sergipense**. São Cristóvão, 31 de janeiro de 1855, nº 08, p. 02.

25 **Correio Sergipense**. Aracaju, 04 de março de 1863, nº 17, p. 01.



Antônio, em Aracaju, e leu decisivo sua proposta: “Entendo que a Sede da Capital da Província não deve continuar a ser na cidade de São Cristóvão, e para este fim proponho-vos o Povoado do Aracaju onde nos achamos, pelas razões que passo a expor-vos”.<sup>26</sup>

Aos poucos a povoação de pequenos lavradores, oleiros, salineiros e pescadores foi se preparando para ser cabeça da província dali a poucos dias. Tudo estava por fazer, assim descreveu o povoado um jornal fluminense, coevo à transferência da capital: “O Aracaju é uma planície na margem direita do rio Cotinguiba (...). De poucas e pobres cabanas se compõe o arraial, que é hoje a nova capital de Sergipe”.<sup>27</sup>

Já o correspondente do Diário de Pernambuco em Sergipe, a propósito cognominado “O Cotinguibeiro”, também descreveu a povoação em carta de 05 de março de 1855, quatro dias após a reunião da Assembleia Provincial para apreciação e votação da proposta de mudança da capital. Escreveu o publicista: “O Aracaju foi o primeiro lugar habitado nesta província pelos Portugueses, mas depois sendo abandonado ficou sendo apenas um povoado pequeno com a sua igreja de Santo Antônio”.<sup>28</sup>

Realmente, a povoação desde o início do século XIX também era chamada de povoado Santo Antônio do Aracaju, por conta da devoção a este santo na capelinha construída em fins do século XVIII, no alto da colina do mesmo nome, cuja fonte mais recuada remonta a 1757.<sup>29</sup>

26 BARBOSA, Inácio. **Relatório à Assembleia Provincial**. Sergipe: Typ. Provincial, 1º de março de 1855. p. 01.

27 **Jornal do Commercio**. Rio de Janeiro, 22 de março de 1855, nº 81, p. 01.

28 **Diário de Pernambuco**. Recife, 19 de março de 1855, nº 64b, p. 01.

29 Na Notícia sobre a Freguesia de Nossa Senhora do Socorro da Cotinguiba, no Arcebispado da Bahia, pelo vigário José de Souza, de 1757, diz: “Tem esta Freguesia no Aracaju a Capela de Santo Antônio”. In **Anais da Biblioteca Nacional**, 1909. p. 31.

Eis, em largas pinceladas, uma trajetória da capital sergipana bem antes dela se tornar a nova Barbosópolis, ou a nova capital dos sergipanos em 17 de março de 1855.

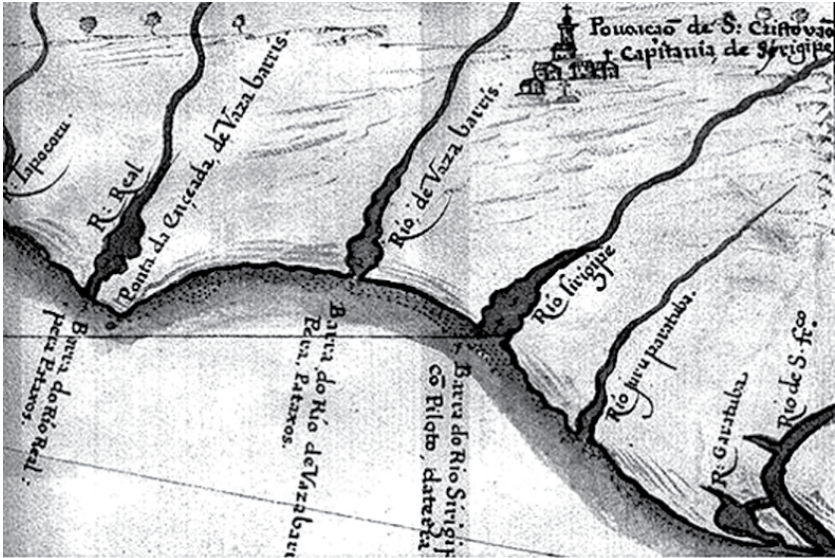


Fig. 01